A DOUTRINA DA PESSOA DE CRISTO: CRISTOLOGIA

Deus tinha que preparar o mundo para a vinda do seu filho. A respeito da vinda de Jesus, disse um dos profetas: “Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas”. Notemos, portanto em primeiro lugar, a preparação para a vinda de Jesus ao mundo.

1. **PREPARACÃO HISTORICA PARA A VINDA DE JESUS**

Desde os primeiros dias, Deus determinou salvar a humanidade, isto é, criá-la á sua imagem. A história do mundo, desde a queda da raça até a vinda de Jesus, revela este grande propósito de Deus. Sem tomar em consideração este fato, ninguém pode compreender realmente a história do universo. Antes da vinda de Jesus, todas as correntes da história convergiram para este grande evento da mais alta significação para a história humana. E depois da vinda de Jesus, todas as correntes da história partem deste grande acontecimento, que é o nascimento do Messias. Este fato é conhecido hoje em quase todo o mundo; mesmo quando se trata do mundo inteiro, distingue-se facilmente este fato monumental na história da raça. A vinda de Jesus é a chave, é a explicação, assim dos séculos antecedentes como dos subsequentes. Esta preparação do mundo feita por Deus para a vinda de Jesus é uma preparação positiva.

1.1. **PREPACÃO NEGATIVA NA HISTORA PAGÃ.**

É fato inegável que a mão poderosa de Deus tem guiado os destinos das nações pagãs desde o princípio do mundo. “ E de um sangue fez toda a geração dos homens para habitar sobre a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação” (At. 17.26). Desde o início da história humana, Deus começou a guiar todas as coisas

de acordo com a sua vontade. Esta preparação revela-se também na política e nas religiões dos povos pagãos. Até certos homens do paganismo, tais como Ciro, foram escolhidos por Deus para adiantar o seu plano a respeito da vinda de seu Filho ao mundo. “Assim diz Ciro rei da Pérsia: O Senhor Deus dos céus me deu a todos os reinos da terra; e Ele me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá. Quem há, entre vós de todo os seu povo, seja seu Deus com ele, e suba a Jerusalém, que está em Judá, e edifique a casa do Senhor, Deus de Israel; Ele é Deus que habita em Jerusalém” (Ed 1.2,3).

Uma das particularidades mais interessantes a respeito destes povos pagãos é que a religião entre eles se ia esgotando cada vês mais, de sorte que, quando Jesus veio, já tinham as religiões perdido quase completamente a confiança de seus adeptos. Disse um deles que, apesar de mergulhado nas águas de sua religião até os joelhos, não podia saciar a sede de sua alma.

As religiões da gentilidade já não satisfaziam às necessidades espirituais do povo, que, por isso mesmo, estava à espera de alguém que viesse de cima e o salvasse. Um estudo ligeiro destas religiões revela, pelo menos, quão grande era a esperança que tinham de um salvador do céu. E este era o Filho de Deus. As religiões pagãs não tinham mais nada par dar a seus adeptos. estavam esgotadas, de sorte que, quando Jesus apareceu, todos estavam em condições de aceitá-lo. Precisamos conservar bem vivo na memória o fato de que Deus estava preparando o mundo para a vinda de seu Filho, através de toda a história antiga, até mesmo entre os pagãos.

Além do que já mencionamos, aparecem-nos mais dois fato nesta preparação para a vinda de Jesus: primeiro: a verdadeira natureza do pecado foi uma das primeira verdades revelada por Deus a seu povo. Parece que Deus deixou os homens pecarem até o limite para que eles reconhecessem a depravação moral que podia chegar o homem corrompido. Os homens viram o destino terrível que os aguardava, caso continuassem no pecado. Lendo Romanos 1.8-32, podemos compreender

o plano de Deus em tudo isso. “Pelo que Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia para desonrarem seus corpos entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais à criatura do que o Criador, que é bendito eternamente, Amém. Pelo que Deus entregou às paixões infames. Porque até as suas mulheres abandonaram o uso natural, no contrário à natureza”. Assim escreveu Paulo nos versículos 24-25 do capítulo citado.

Segundo: Deus fez a raça compreender que pela filosofia e pela arte, não poderiam salvar-se. Muitos dos filósofos hodiernos não tem feito nova criação nem novas descobertas; não passam, aliás, de copiadores da filosofia dos antigos. Antes da vinda de Jesus, Deus ensinou à raça que era impossível obter a salvação por meio da arte e da filosofia. Não obstante, quantos há hoje que intentam fazer destas coisas meios de salvação.

A preparação negativa realizou-se entre a gentilidade. Sem que o soubessem, Deus guiava os pagãos com poderosa mão para o grande evento histórico da vinda de seu Filho amado, e, ao mesmo tempo preparava o coração dos homens para aceitá-lo como salvador.

1.2 **PREPARACÃO POSITIVA**

Esta é a que se realizou entre o povo de Israel.

1.2.1 Desde os dias de Abraão Deus escolheu um povo e ensinou-lhe três grande verdade, pelas quais procurou prepará-lo para a vinda de Jesus. Estas três verdades são as seguintes:

a) A majestade, a unidade, a onipotência e a santidade de Deus.
b) A perversidade do homem e a sua impotência moral para tomar qualquer iniciativa no tocante a própria salvação.
c) Uma certeza de salvação.

1.2.2. **Ensinando estas três grandes verdades ao seu povo, usou Deus de três grandes meios, três grandes agências, que a seguir mencionamos:**

a) A Lei. O Decálogo ou os dez mandamentos dados por Deus a Moisés constituem um dos meios usados por Deus a fim de ensinar ao povo aquelas grandes e precisos verdades já mencionadas, despertando-lhes, assim, a consciência em relação ao pecado. E a mesma lei, por meio de seus sacrifícios e de seu sacerdócio, deu ao povo a esperança de paz com Deus mediante o perdão, e de um livre acesso à sua presença.

b) A Profecia. A segunda grande agência de Deus usada em ensinar aquelas verdades foi a profecia, quer verbal quer escrita. Encontramos até profecias típicas, como as de Adão, Melquisedeque, Moisés, Davi, Jonas, etc. Desde o princípio Deus começou a falar da vinda de seu Filho. Em Gênesis 3.15 encontramos estas palavras proféticas: “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente: esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”.

c) O Cativeiro. A terceira e não menos importante agência de que Deus fez uso para ensinar o povo e prepará-lo para a vinda de Jesus foi o exílio e cativeiro na Babilônia. Enquanto a nação progredia e existia, Deus não podia devidamente prepará-la para o grande acontecimento que se aproximava. Por isso ele acabou temporariamente com a nação, e fê-la exilada e cativa. E isto trouxe dois grandes e apreciáveis resultados na vida dos israelitas, a saber:

O primeiro foi o estabelecimento firme, de uma vez para sempre, do monoteísmo. Muitas vezes, na sua história, Israel caíra em idolatria. Mas o exílio fez com que o monoteísmo se arraigasse profundamente no coração deste povo.

O segundo resultado foi o de converter os judeus de um povo agrícola numa nação mercantil e comercial. Desta maneira ia Deus preparando os seus mensageiros, aqueles que levariam o seu evangelho a toda parte.

O simples fato de os israelitas se tornarem um povo comercial já foi um grande passo na preparação para a vinda de Jesus.

Vemos, assim, que Deus trabalhava não só entre os israelitas, mas também entre as demais nações, servindo-se delas para a realização deste grande evento - a vinda de Jesus ao mundo. Convém notar, todavia, que esta preparação foi toda especial no que respeita aos judeus: Ele trabalhou abertamente, fez conhecidos os seus planos aos homens por intermédio deles até que chegou a plenitude dos tempos e o Messias apareceu. É nosso intuito estudar, em seguida, a personalidade de Jesus.

2. A PESSOA DE JESUS

A redenção da raça havia de realizar-se por um Mediador que em si mesmo reunisse as duas naturezas: a divina e a humana. Isto porque o seu trabalho seria o de reconciliar o homem com Deus e Deus com o homem.

E, para que o Mediador estivesse entre ambos, era necessário que ele não somente conhecesse perfeitamente o homem, mas também a Deus. Este Mediador ideal temos em Cristo Jesus, porque ele possuía as duas naturezas: Ele era Deus-Homem. Desejamos agora estudar esta personalidade extraordinária deste dois pontos de vista.

Estudemo-lo em primeiro lugar, do ponto de vista da história, e, depois, do ponto de vista da Bíblia.

Vale pena conhecer as opiniões que surgiram no transcorrer dos séculos a respeito da pessoa de Jesus. Ele tem sido objeto dos mais profundos e prolongados estudos. E um exame, ainda que ligeiro, das idéias que encontramos na história a seu respeito há de nos ajudar grandemente

quando chegarmos a estudar a sua Pessoa na Bíblia. Estudando a Pessoas de Jesus do ponto de vista da história, é nosso desejo conhecer o que os homens tem pensado a seu respeito no decorrer dos anos e mui especialmente durante os primeiros primeiros séculos dos cristianismo. Iniciemos, pois, este estudo examinando primeiramente a idéia ou teoria dos ebionitas.

2.1. **Os ebionitas:**

Apareceram no ano 107 depois de Cristo, e negavam a realidade da natureza divina de Cristo. Segundo os seus ensinos, Cristo era somente homem. Porém este homem Jesus Cristo tinha uma relação muito íntima com Deus, especialmente depois do seu batismo. O ebionismo era o judaísmo dentro das Igrejas cristãs. Como sabemos, era difícil aos judeus crer na doutrina da Trindade. E esta era uma das razões mais fortes por que não creram que Jesus era Deus, e daí negarem sua divindade. Consideravam Jesus simplesmente como um homem extraordinário, que se relacionava muito intimamente com Deus, e nada mais. Jesus era, enfim, um grande profeta, mas não era Deus.

2.2. **Os Docetas**

Esta palavra vem do grego “doketes”, de “dokein”, que significa: “parecer”, “crer numa aparência” etc. Os docetas apareceram no ano 70 da era cristã, e existiram, aproximadamente, até o ano 170. Eles negavam a humanidade de Cristo. Segundo a filosolia dos docetas, s coisas materiais eram, por natureza, más. O mal residia na matéria, e visto que Jesus não tinha pecado, logo, não tinha também corpo material. Para os docetas toda a matéria era corrupta. Era a sede do pecado e do mal. Jesus não podia ter corpo material, porque er inteiramente puro. Julgavam, por isso, que o corpo de Jesus era aparente, e não real. Os docetas negavam, portanto, a humanidade de Jesus. Esta doutrina não era mais que a filosofia grega e pagã, que se introduzira na Igreja de Cristo.

2.3.0 **O Arianismo**

O Arianismo surgiu no ano 325. Ário, o seu fundador, negava a integridade e a perfeição da natureza divina de Cristo. O Verbo, que se fez carne, segundo o Evangelho de João, não era Deus, senão um dos seres mais altos do Criador. O Verbo não era, afinal, mais que uma criatura de Deus. Esta teoria confunde o estado original de Jesus Cristo com o estado de humilhação. Ao invés de estudar toda a questão, Ário estudou apenas a parte que se refere a personalidade de Jesus enquanto estava aqui na terra, e, naturalmente, a sua idéia era imperfeita e parcial, por isso que confundia o estado de humilhação com o estado original. Ário negava a integridade, a perfeição da natureza divina de Cristo.

2.4 **A teoria de Apolinário**

Esta teoria apareceu no ano 381 da era cristã, negando a integridade da natureza humana de Cristo. Segundo os ensinos de Apolinário, Cristo não tinha mente humana. O que ele tinha de humano era o corpo e o espírito. O Verbo que se fez carne tomou o lugar da mente, e por isso Cristo não era homem perfeito. Cristo era, segundo essa teoria, constituído de corpo, de verbo e de espírito. E, como acabamos de ver desta teoria, este era o argumento em que se afirmava o seu fundador para negar a integridade da natureza humana de Cristo.

2.5. **A teoria de Nestório**

Esta teoria apareceu no ano 431. Nestório, seu fundador, negava a união verdadeira entre as duas naturezas de Cristo. Ele atribuía a Cristo duas partes ou divisões, uma humana, outra divina. Quando Jesus estava dormindo, por exemplo, era a parte humana que dormia. Mas quando acordava e repreendia os ventos, era a parte divina que estava em ação.

Assim explicava Nestório a Pessoa de Jesus. Esta idéia, logo se vê, é muito errônea. Jesus não se divide em duas partes. Ele não opera parceladamente. Não é que Ele agisse ora por meio da natureza humana, ora por meio da natureza divina. Quando agia, fazia-o com toda a sua personalidade , e não só com a natureza divina, ou com a humana.

2.6. **A teoria de Eutiques**

Segundo esta teoria, as duas naturezas de Cristo fundiram-se de maneira que formavam uma terceira natureza, que nem era divina nem humana. Assim sendo, Jesus não era humano e nem tampouco divino.

Temos, assim todas estas teorias errôneas que ebionitas negavam a realidade da natureza divina de Cristo, ao passo que os docetas negavam a realidade de sua natureza humana. Ário negava a integridade da sua natureza divina. Aplonário, a da sua natureza humana. Nestório negava a união verdadeira entre as duas nature3zas, dividindo Jesus em duas partes: uma divina e outra humana; enquanto Eutiques fundia as duas naturezas de Cristo, formando uma terceira natureza, que não era humana nem divina.

Entre tantas teorias, qual a verdadeira ? Destas, nenhuma..

2.7. **O ensino da Bíblia**

segundo os ensinos da Bíblia, há uma só personalidade em Cristo, mas duas naturezas: a humana e a divina, cada qual perfeita.

Mas estas duas naturezas era tal modo unidas e relacionadas que formavam uma única personalidade. O novo testamento revela, com toda clareza, porém, quanto à personalidade, havia uma unidade. É nosso intuito agora, investigar as Escrituras para ver o que nelas se encontra:

1) Sobre a realidade e a integridade das duas naturezas de Cristo;

2) Sobre a união destas duas naturezas numa só personalidade.

3. **AS DUAS NATUREZAS DE CRISTO**

Neste estudo queremos provar pelas Escrituras, que Jesus não só tinha duas naturezas, divina e humana, mas também que cada uma destas era real e perfeita. A Bíblia fornece-nos provas abundantes a este respeito:

3.1 **A Humanidade de Cristo**

A realidade da humanidade de Cristo. Trataremos, em primeiro lugar, da realidade da humanidade de Cristo, sobre o que as Escrituras nos apresentam:

a) Jesus chamou-se e foi chamado homem. (Jo 8.40) “Porém agora procurais matar-me, a mim, **um homem,** que vos tenho falado a verdade que de Deus tenho ouvido; Abraão não fez isto”. Estas palavras proferiu-as o próprio Jesus. “Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas e sinais que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis” (At 2.22) ? (Rm 5.15; 2 Tm 2.5).

b) Jesus possui os elementos essenciais da natureza humana, isto é, um corpo natural e uma alma racional: (Mt 26.38; Jo 11.33; Lc 24.39; Hb 2.14).

c) Jesus tinha poderes que pertenciam à natureza humana. Ele sentia fome: (Mt 4.2), sentiu cansaço: (Mt 8.24: Jo 4.6).
Jesus tinha uma mente humana. Ele pensava e conhecia: (Jo 19.28). Jesus sentia amor: (Mc 10.21). Jesus sentia indignação: (Mc 3.5).

Poderiam multiplicar-se as citações a respeito, pois são elas abundantes e provam sobejamente que Jesus tinha todos os elementos que constituem a natureza humana.

d) Jesus estava sujeito às leis de desenvolvimento: (Lc 2.40,46; Hb 2.18; 5.8).

e) Jesus padeceu e morreu: (Lc 22.44: Jo 19.30,33).
Acabamos de ver, destas passagens que as Escrituras provam a realidade da humanidade de Cristo. Passemos, pois, agora a considerar as passagens que tratam do segundo ponto.

3.2 **A Integridade da Natureza humana de Cristo. Integridade significa perfeição, inteireza:**

a) A natureza humana de Cristo foi sobrenaturalmente concebida: (Lc 1.34,35).

b) A natureza humana de Cristo sempre se revela livre de depravação: “Quem dentre vós me convence de pecado”? (Jo 8.46; Hb 4.5; 7.26; 2Co 5.21; 1 Pe 1.19).

c) A natureza de Cristo, digo: a natureza humana de Cristo cresceu juntamente com a sua natureza divina. E por causa disso não há um paralelo entre ele e nós, neste sentido. Jesus é o único neste mundo. Ele é o Filho unigênito e nenhum outro há igual a Ele.

Jesus não é homem como Paulo, não é Deus como o Pai, mas é Deus-homem. Nunca o hífem (-) teve tanta significação como aqui, entre estas duas palavras. Ele liga-as e divide-as ao mesmo tempo.

3.3 **A Deidade de Cristo**

O Novo Testamento estabelece mui claramente a deidade de Jesus Cristo pelo seguinte modo:

3.3.1 Mostrando que Jesus tinha conhecimento da sua própria deidade: (Jo 3.12.13; Jo 8.58; Jo 14.9,10).

3.3.2 Mostrando que Jesus exercia poderes e prerrogativas divinas: (Jo 2.24,25; 18.4; Mc 2.7; 4.39).

3.3.3 **A união destas duas naturezas numa só pessoa:**

As Escrituras representam Jesus Cristo como uma só Pessoa, em que se unem as duas naturezas, divina e humana, e cada uma delas perfeita quanto à essência e quanto aos seus atributos. Estas duas naturezas, inseparavelmente unidas numa só personalidade divino-humana, constituem para nós um mistério. É nos impossível explicar a união das duas naturezas numa só pessoa, mas as provas que encontramos são tantas que não podemos duvidar desta verdade. E o erro de dividir a pessoa de Jesus em duas, ou em duas partes é tão patente que devemos ter todo cuidado a fim de o não praticarmos. E ainda que não possamos explicar satisfatoriamente este fato, devemos aceitá-lo, visto que a Bíblia o ensina com clareza e autoridade.

3.3.3.1 **Provas da união das duas naturezas, divina e humana, na pessoa de Cristo Jesus:**

a) Jesus sempre falava de si mesmo e os outros também falavam a respeito dele como de uma só pessoa: (Jo 17.22; 1 Jo 4.2).

b) Os atributo e os poderes de ambas as naturezas são consignadas a uma só pessoa: (Rm 1.13; 1Pe 3.18; Hb 1.2,3; Ef 4.10; Mt 28.19,20).

c) As Escrituras reputam o valor da concordância feita por Jesus como dependente de uma união destas duas naturezas: (1Jo 2.2; Ef 2.6-18; 2.21,22; 2 Pe 1.4).

3.3.3.2 **A natureza da união das duas naturezs:**

a) Devemos declarar, em primeiro lugar, a grande importância da união das duas naturezas, divina e humana, em Cristo Jesus. O cristianismo é uma união, Deus, na Pessoa de Jesus Cristo, uniu-se à humanidade.
Assim como Cristo tornou-se o coração do cristianismo; e na sua própria pessoa foram resolvidos todos os problemas religiosos.
Jesus provou a verdade do cristianismo pela sua própria experiência. Este resolveu os problemas fundamentais da religião. Em outras palavras, Ele viveu como todo homem deve viver, uma vida em perfeita harmonia e comunhão com Deus. E tudo isso se conseguiu por meio da união das duas naturezas. É, portanto, de suma importância para o cristianismo esta união verdadeira das duas naturezas divina e humana em Jesus Cristo.
E Jesus não somente resolveu os problemas da religião, mas também se tornou o meio por que o homem pode alcançar a solução verdadeira dos seus problemas religiosos.
Sobre a importância desta união passemos a considerar as seguintes passagens: (Mt 11.27; Col 1.27; Col 2.2,3; Jo 17.3).

b) Os problemas principais que se nos deparam nesta união:
Um dos problemas aqui é: Como pode haver duas naturezas numa só pessoa? Como pode haver uma natureza humana sem personalidade? E como pode haver uma natureza divina sem personalidade? Como já de sobejo dissemos, não é possível dar uma explicação satisfatória deste problema, mas a Bíblia ensina, com toda a clareza, que Jesus tinha duas naturezas, e era uma só Pessoa. Este fato representa-nos, por assim dizer, o coração da encarnação é a solução deste problema.
Outro problema que se nos depara diz respeito à relação da natureza divina com a humanidade, durante a vida terrestre de Jesus, problema

este que nos leva a outro ainda, qual a relação da natureza humana com a divina, na vida atual de Jesus. Sabemos que Jesus esta hoje à destra de Deus. Qual é, pois, a relação que há entre uma e outra natureza hoje? Mencionamos estes problemas aqui, não com a esperança de resolvê-los, mas tão-somente no intuito de mostrar que o nosso Salvador Jesus é tão maravilhoso que o homem o não pode compreender em toda sua plenitude. Temos em Jesus um grande mistério.

c) A razão deste mistério. Tal mistério existe porque não há outro ser igual ou semelhante a Jesus. Ele é o único. Nenhum ser existe, além dele, que com Ele se compare. Jesus não pode ser comparado com o Pai, porque o Pai nunca se uniu diretamente à humanidade, como ele; como também não pode comparar-se com o homem, porque o homem nunca se uniu a Deus. Jesus é, certamente, o filho unigênito de Deus.
d) A base da união. A possibilidade da união de Deus com humanidade se acha em Deus ter criado o homem à sua imagem. O homem foi criado semelhante a Deus. Existe, por isso, a possibilidade de Deus encarnar-se. isto é, de assumir também a humanidade, Este é uma das glórias da criação do homem.
Deus criou o homem de tal maneira, que pode haver a mais íntima comunhão entre o homem e o criador.

e) **Um dos problemas mais difíceis, com já vimos, é a união das duas naturezas numa só pessoa.** Jesus não era duas pessoas, nem tampouco tinha uma personalidade dupla. Ele era uma Pessoa, mas dotada de duas naturezas: Uma divina, e outra humana. Como sabemos, o Verbo uniu-se com a humanidade pela encarnação. A natureza humana não podia ter personalidade naquela época. A personalidade humana só começou a existir quando a natureza humana começou a ser uma pessoa. E esta natureza humana crescia junto com a natureza divina. Nunca houve portanto, duas personalidades em Cristo Jesus. Neste ponto não há outra pessoa semelhante a Ele.

f) **O efeito da natureza divina sobre a humana.** A união da natureza divina com a humana fez com que esta participasse dos poderes e da

glória daquela. Isto é, quando Jesus estava aqui na terra, tinha poderes que não pertenciam aos homens em geral. Convém notar, porém, que ele nem sempre usou deste poderes. A primeira tentação foi neste sentido, isto é, o tentador quis induzir Jesus a prevalecer-se desses poderes sobre-humanos para o seu próprio proveito. Naquela ocasião Jesus recusou-se a fazer tal coisa, mas, quando tinha diante de si a multidão faminta, usou os seus poderes, multiplicando os pães e os peixes para alimentá-la. A natureza humana foi grandemente exaltada e glorificada na união com a natureza divina; e este mesmo fato nos ajuda a compreender alguma coisa da glória possível à humanidade. Não devemos nos esquecer de que a natureza humana podia unir-se à divina.

g) **O efeito da natureza humana sobre a divina:**
Quando a natureza divina se uniu à humana, tornou-se, então, possível a Jesus Cristo padecer, sofrer e até morrer. A carta aos Hebreus acentua fortemente o valor do sofrimento de Jesus neste sentido.

h) **A necessidade da encarnação.** Sem a união da natureza divina com a humana não poderia haver verdadeira mediação entre Deus e o homem. A encarnação era necessária para que se estabelecesse a reconciliação entre o homem e Deus: (Hb 4.15; 1 Tm 2.5).

i) **A eternidade da união.** Encontramos na Bíblia ensinos de que a união da natureza humana com a divina é eterna e indissolúvel. Quando o Verbo uniu-se à carne uniu-se de uma vez para sempre: (Hb 7.24-28).

4. **OS DOIS ESTADOS DE JESUS**

4.1 **O estado de humilhação:**

Não vamos despender muito tempo com as várias teorias a respeito da humilhação de Jesus Cristo quando o Verbo se fez carne, porque nenhuma delas explica suficientemente este fato. Ainda mais, já vimos que esta união da natureza divina com a humana continua porque ela é indissolúvel e eterna.

A Passagem mais importante, talvez, sobre este assunto é a seguinte: (Fp 2.6-8).

4.1.1 **A humilhação de Cristo caracterizada:**

a) O Verbo preexistente fez-se homem, deixando a sua glória divina para tomar o lugar de servo. As palavras de Jesus em João 17.5 mostram claramente que Jesus deixou a glória divina quando se fez homem. “E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse”. O Apóstolo Paulo ensina a mesma coisa em 2 Co 8.9. “Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós, se fez pobre; para que pela sua pobreza enriquecêsseis”.

b) **Constitui também na submissão do Verbo ao Espírito Santo:** As seguintes passagens provam claramente esta verdade: (Atos 1.2; 10.38; Hb 9.14).
Devemos lembrar-nos também da experiência que a mãe de Jesus teve com o Espírito: (Lc 1.35). A tentação de Jesus prova também a submissão sua ao Espírito Santo: “Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (Mt 4.1).

c) A humilhação de Jesus constitui também em Jesus deixar de usar dos poderes que lhe eram garantidos por sua natureza divina. Citemos duas passagens de muito valor neste sentido, que se referem, respectivamente, à tentação e à crucificação de Jesus: (Lc 4.3,4; Mt 26.53; Lc 10.17,18).

4.1.2. **Épocas de humilhação de Jesus:**

a) A primeira época da humilhação de Jesus foi quando o Verbo preexistente se fez carne.

b) A segunda foi durante o tempo da sua submissão ao Espírito Santo e às leis humanas.

c) A terceira foi por ocasião da sua morte no Calvário. Resumindo, diremos que as épocas da humilhação de Jesus foram: quando se fez carne, durante a vida na carne, e quando morreu na cruz.

4.2. **O Estado de exaltação:**

Épocas de sua exaltação. Depois da morte, Jesus voltou para a destra do Pai, recebeu novamente aquela glória que tinha antes que o mundo existisse, e entrou em pleno uso daqueles poderes que tivera antes do período da sua humilhação: (Atos 7.55).
As épocas da exaltação de Jesus são as seguintes: Primeiro, a sua ressurreição; segundo, a sua ascensão.

5. **OS OFICIOS DE CRISTO**

Enquanto aqui na terra, Jesus exerceu três grandes ofícios: O de profeta, o de sacerdote e o de rei. Estes personagens eram os três mais importantes da história. Os profetas, Os sacerdotes e os reis são, em certo sentido, os precursores de Jesus Cristo.

Jesus exerceu estes três ofícios da maneira mais perfeita que se pode imaginar. Nunca houve um rei que governasse tão sabiamente como Ele, e nunca houve um sacerdote que oferecesse um sacrifício tão perfeito e completo, e nunca houve profeta que interpretasse tão fielmente os atos e a vontade de Deus e desfizesse as trevas da ignorância que envolvia a raça.

Quando Jesus veio ao mundo, este se achava imerso nas trevas da ignorância, quase inteiramente alheio que tirasse o povo de tão triste

condição. Jesus era este profeta. “E ao povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz”.

Também a raça humana estava corrompida. O pecado invadira e escravizara todos os corações. A grande necessidade do mundo era então de um grande sacerdote que purificasse de modo completo as almas, e de um rei poderoso que lhes quebrasse os grilhões e as libertasse da escravidão.

Como profeta, Jesus revelou da maneira mais completa a vontade de Deus ao mundo; como sacerdote, fez o sacrifício perfeito para expiação do pecado e, como Rei, estabeleceu o seu reino e começou a reinar no coração dos homens.

A personalidade de Cristo é a maravilha dos séculos. Os milagres operados por Ele, para aliviar os sofrimentos da humanidade representam apenas uma fraca manifestação de sua Pessoa. Como já tivemos ocasião de observar, Ele é o Filho Unigênito de Deus, que se fez carne e ocupou os três cargos mais importantes que encontramos na história do mundo: O de Profeta, o de sacerdote e o de rei.

5.1. **Cristo como Profeta.**

5.1.1. **A natureza do trabalho profético de Cristo:** Devemos ter desde já uma compreensão clara de que a missão do profeta não é simplesmente, como já se supõe, predizer eventos futuros. É verdade que isso às vezes acontece, porém não é o trabalho principal do profeta. **O profeta representava Deus diante dos homens.** E o seu verdadeiro trabalho era interpretar os atos e os planos de Deus e fazer conhecida aos homens a sua vontade. O verdadeiro profeta é o que lê atentamente e interpreta os atos de Deus aos homens.

Outro ofício do profeta era encaminhar o povo nos caminhos traçados por Deus. Certamente ele havia de ser um homem que andasse em íntima

comunhão com Deus e devia saber mais da sua vontade do que o povo em geral. E o seu grande trabalho era fazer os homens conhecerem o que Deus estava procurando realizar nas suas vidas.

Três eram os métodos empregados pelo profeta, no desempenho de sua função. O primeiro era o de ensinar o povo. Encontramos no Velho Testamento muitos desses ensinos, como, por exemplo, os ensinos a respeito do sacrifício dos animais.

Por meio destes ensinos os profetas procuravam fazer o verdadeiro fim do sacrifício: " Não me tragais sacrifícios debalde: o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade, nem mesmo o ajuntamento solene. As vossas luas novas, e as vossas solenidades as aborrece quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; e até quando multiplicais a oração não ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos e purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos: cessai de fazer o mal; aprendei a fazer o bem; procurai o juízo; ajudai o opresso; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viuvas" (Saias 1.13-17).

O segundo método do profeta no exercício de seu cargo era o de predizer os acontecimentos futuros. As vezes o profeta desvendava as coisas do futuro e fazia vingar a sua mensagem. Um dos exemplos disto é o encontro de acabe com Elias (1 Rs 18).

O terceiro método consistia na operação de milhares. Alguns dos profetas, ao executar a sua árdua missão, operavam milagres, o que concorria para que as suas mensagens fossem mais bem acatadas pelo povo em geral: (Ex 4.2-5).

Como sabemos, Jesus usou magistralmente destes três métodos no seu trabalho. Ele ensinava como ninguém podia ensinar, revelava o futuro com ampla autoridade e operava sinais e maravilhas.

5.1.2. **Os diferentes períodos do trabalho profético de Jesus.**

Estudando o trabalho profético de Jesus, encontramos quatro períodos diferentes:

a) O trabalho preparatório do Verbo antes de se encarnar: (Jo 1.9).

b) O período do ministério terrestre. Durante este período, Jesus não só cumpriu todas as exigências do ofício profético, mas o fez de tal maneira que até pôs termos a este ofício. Queremos dizer que Deus, por meio de Jesus, disse tudo quanto tinha de dizer aos homens. Jesus revelou tudo. O que os profetas do Velho testamento não puderam oferecer ou esclarecer, Jesus trouxe a luz, e, revelando todos os segredos de Deus, pôs termo ao ofício profético.

Mas Jesus não era profeta por excelência só neste sentido. Os profetas do Antigo Testamento pregavam: “Assim diz o Senhor”, Ele porém, dizia: “Assim eu vos digo”. Jesus era, por conseguinte, muito superior aos profetas não só na mensagem revelada, mas também na maneira de a revelar.

c) O terceiro período do trabalho profético de Jesus é o que vai desde a sua ascensão até a consumação dos séculos. Durante este tempo Jesus serve-se de seus discípulos para a realização da sua obra.

Os discípulos são prolongamento do trabalho profético de Cristo. “Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acerca de todas as coisas que Jesus começou não só a fazer, mas ensinar” (Atos 1:1). “Ainda tenho muitas coisas que vos dizer, mas vós não podeis suportar agora” (João 16:12).

d) No quarto período, Jesus continua revelando as coisas do Pai aos santos na glória. “Disse-vos estas coisas por parábolas: chega, porém, a hora que vos não falarei acerca do Pai” (João 17.25). “E eu lhes fiz conhecer o teu nome e lho farei conhecer mais, para que o amor com

que me tens amado neles esteja, e eu neles” (João 17.26). “Porque desde a antigüidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem olho viu, fora de ti, ó Deus, o que há de fazer aquele que o espera” (Saías 64.4). “Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face: agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido” (I Coríntios 13:12)

5.2. **Cristo como Sacerdote**

O profeta representa Deus aos homens, o sacerdote representava os homens diante de Deus. Que felicidade, termos em Jesus a união da natureza divina com a humana! Devido à sua relação íntima com Deus, Jesus era profeta ideal, e. devido ã sua relação íntima com o homem veremos que ele era também o sacerdote ideal.

No Velho Testamento o sacerdote era um homem escolhido para ser o mediador entre Deus e o homem. O sacerdote cumpria o seu ofício oferecendo sacrifícios e fazendo intercessão; mas, como sabemos, os próprios sacerdotes eram homens imperfeitos, e, antes de oferecerem sacrifícios pêlos outros, tinham que oferecer primeiramente sacrifício por si mesmos.

Ainda mais, as vítimas por eles sacrificadas eram animais irracionais, que nada tinham a ver com os pecados cometidos pêlos homens. Vemos que não era assim com Jesus. Ele não era sacerdote que necessitasse de oferecer sacrifícios pêlos próprios pecados, porquanto Ele não tinha. Nem tão pouco lançou mão de irracionais, porém ofereceu-se a si mesmo, com toda a pureza de seu caráter e toda a santidade do seu ser, em holocausto, em propiciação pêlos pecados do mundo. A imaginação humana, por mais fértil e aguda, não pode acrescentar um só requisito necessário aqueles que Jesus satisfez sacerdote.

Jesus é o sacerdote ideal, o sacerdote dos sacerdotes. A carta aos Hebreus desenvolve magistralmente este formoso tema: o sacerdócio de

Cristo. “Mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar perfeitamente, aos que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus; que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados e depois pêlos do povo; porque isto fez Ele uma vez, oferecendo-se a si mesmo. Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens fracos, mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, constitui ao Filho, que foi para sempre aperfeiçoado” (Hebreus 7:24-28).

5.2.1. **O trabalho Sacrificial de Jesus Cristo ou a Doutrina da Concor-dância.**

Estamos agora no âmago da Teologia Sistemática. A obra propiciatória de Jesus no seu ofício sacerdotal é o tópico de maior importância Teologia Sistemática. As Escrituras ensinam que Jesus sofreu e morreu em nosso lugar para que pudéssemos ser salvos. Deus disse, logo no princípio, que “a alma que pecar, essa morrerá”. Esta é uma lei que não pode ser de forma alguma revogada. O homem pecou; portanto, tinha que morrer. Mas, felizmente, pela graça de Deus, apareceu um homem, Jesus Cristo, que tinha grande amor aos homens. Este veio, e tomou o nosso lugar, morreu por nós, ressuscitou, subiu ao céu e está à destra do Pai, e assim lançou as bases de salvação de todo aquele em que nele crê. Este trabalho realizado por Jesus Cristo em prol dos pecadores é representado por diversas formas nas Escrituras. Notemos algumas delas:

a) **A Idéia Moral** - Deste ponto de vista, as bases da salvação são consideradas como uma grande providência originada no amor de Deus e na manifestação deste amor aos homens. Segundo esta idéia, a morte de Jesus Cristo na cruz do Calvário é uma grande manifestação do amor de Deus aos homens; e tem referência especial ao amor de Deus, e não à

sua Justiça. A crucificação é um grande espetáculo, que não só revela o grande amor de Deus ao homem, mas também tem por fim despertar o amor do homem para com Deus. Segundo esta idéia, a morte de Jesus Cristo não se relaciona intimamente com a justiça de Deus, nem com a necessidade do homem.

As passagens mais citada em abono desta teoria são as seguintes: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”(João 3:16). “Mas Deus recomenda o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós sendo nós ainda pecadores”(Romanos 5:8).

b) **A Idéia Comercial** - A concordância é também descrita como um resgate feito por Jesus para livrar da escravidão do pecado. É verdade que a Bíblia apresenta o trabalho feito por Jesus Cristo deste ponto de vista. Mas não devemos pensar que esta idéia abrange tudo quanto Jesus fez por nós na cruz do Calvário. É verdade que Ele pagou um grande preço para nos remir; porém, isto não foi simplesmente uma transação comercial. A morte de Jesus Cristo envolve muito mais do que isso. Citemos algumas passagens que abonam esta idéia. “Assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e a dar a sua vida em resgate por muitos”(Mateus 20:28). “O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo”(I Timóteo 2:6). “E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor, que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição” (I Coríntios 6:20).

c) **A Idéia Legal** - A Bíblia descreve também a concordância do ponto de vista da lei. Neste sentido, a concordância é considerada obediência às exigências da lei. Como bem sabemos, o homem transgrediu a lei de Deus, não havendo quem a cumprisse. Por isso Jesus veio satisfazer às exigências da lei. “Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos” (Mateus 3:15).

“E, achado em forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz” (Filipenses 2:8)

d) **A Idéia Sacrificial** - A concordância é descrita como o trabalho do mediador de reconciliar Deus com os homens por meio de um sacrifício. O novo Testamento está cheio de passagens que representam a concordância como um grande sacrifício. “Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos tens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta feitura, nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, uma vez entrou no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção” (Hebreus 9:11,12). “Porque, se nós sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (Romanos 5:10). “E que, havendo por Ele feito a Paz pêlos sangue da sua cruz, por ele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão na terra, como as que estão nos céus” (Colossenses 1:20).

Vale a penas citarmos aqui palavras de Saías, muito preciosas neste assunto. “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; porém o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Exigindo-se-lhe, ele foi oprimido, por’lem não abriu a sua boca: como um cordeiro, foi levado ao matadouro, e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim não abriu a sua boca. Da ânsia e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da sua vida? E porque foi cortado a terra dos viventes: pela transgressão do meu povo a praga estava sobre Ele. E puseram a sua sepultura com os ímpios, e com o rico estava na sua morte; porquanto nunca fez injustiça, nem houve engano na sua boca. Porém, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua semente e prolongará os dias; e o bom prazer do Senhor prosperará na sua mão. O trabalho da sua alma Ele verá, e se fartará; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos: porque as suas iniquidades levará sobre si. Pelo que lhe darei a parte de muitos, e com

os poderosos repartirá ele o despojo; e levou sobre si o pecado de muitos, e intercede pelos transgressores" (Saías 53:6-12)

Todo este capítulo fala do sacrifício expiatório de Jesus, e convém ser lido com muita atenção: "Verdadeiramente Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Porém, Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Saías 53:4-5)

Um exame destas passagens citadas mostrar-nos-á, claramente, que as Escrituras apresentam a obra de Cristo na redenção humana, destes quatro pontos de vista: Moral, Comercial, Legal e Sacrificial. Deve-se nota, porém, que a idéia sacrificial é a mais fundamental e abrange todas as outras. O sacrifício de Jesus Cristo na cruz do Calvário não só lançou as bases da nossa salvação, mas também satisfaz às exigências da lei de Deus. Foi um grande preço pago por Jesus e também a maior expressão de amor de Deus. Temos, pois, na idéia sacrificial o resumo, a essência de todas as outras idéias que giram em torno da doutrina da concordância.

Os escritores inspirados acharam tão rica a obra redentora de Jesus Cristo que a apresentaram destes diversos pontos de vista que acabamos de mencionar, a fim de que evitemos o erro de construir a nossa doutrina de concordância num deles somente. A doutrina verdadeira da concordância deve incluir todas essas idéias, porque, como já observamos, o que Cristo fez revelou o amor de Deus. serviu de resgate e satisfez a todas as exigências da lei. Muitos erros que surgem em torno desta doutrina são oriundos de idéias parciais e unilaterais, o que devemos evitar. A Bíblia inclui todas as significações debaixo da grande idéia de sacrifício que achamos tão magistralmente exposta no capítulo 53 do livro de Saías.

Vejamos, pois, o que dizem as Escrituras sobre esta grande doutrina da concordância. Deparam-se-nos duas perguntas, a que procuremos

responder. A primeira é: Qual o fim da morte de Jesus em relação a Deus? A segunda: Qual o fim da morte de Jesus em relação ao homem?

5.2.2. **A Doutrina da Concordância**

a) **A concordância em relação a Deus** - Como já tivemos ocasião de observar, havia em Deus um problema a ser Resolvido antes que o homem pudesse reconciliar-se com Ele. Havia um amor a revelar-se e uma justiça a ser vindicada. A Parábola do Filho Pródigo, segundo o pesar de muitos, não representa bem o problema de reconciliação relativamente a Deus, porque ela nos mostra Deus pronto e desejoso de receber o Filho pródigo, tal qual estava. Parece que não havia em Deus nenhum obstáculo em receber o homem em íntima comunhão. Há, porém, os muitos passos bíblicos que revelam que Deus não podia perdoar ao homem sem que fossem satisfeitas, primeiramente, as exigências da sua própria natureza, da sua dignidade. Deus teria sido menos Deus se não tivesse exigido do homem, da raça humana, uma satisfação da ofensa cometida contra a sua pessoa. Até mesmo um homem quando ofendido na sua dignidade, não se reconcilia com o seu ofensor sem exigir deste amplas satisfações. E quanto mais reto e digno é o homem, mais certo é que ele as exigirá. Assim é também em relação a Deus.

O fim do perdão é comunhão. E como poderia Deus ter comunhão com o homem sem que exigisse primeiro uma satisfação? Se Deus deixasse passar a falta pelo homem cometida sem exigir-lhe uma satisfação, teria, de certo modo, pactuado com Ele. O grande problema da reconciliação não é de Deus baixar-se ao nível do homem, mas, sim, o de elevar o homem ao nível de Deus. Havia, pois, grande necessidade de reivindicação. Deus não sacrifica a sua própria dignidade para ter comunhão com o homem impenitente.

Jesus, por ser Deus, achava-se em condições de satisfazer às exigências da natureza de Deus. A ofensa feita pelo homem, por meio dos seus pecados, era tão grande que não havia possibilidade de o homem reparar a falta cometida. Tão grande que não havia possibilidade de o homem

reparar a falta cometida. Tão grande que já não havia possibilidade de a raça, por si mesma, operar a sua reconciliação com Deus. Era necessário, portanto, que o Filho do homem fosse levantado na cruz para que reconciliasse Deus com o homem. Ele resolveu este problema que se achava em Deus e abriu o caminho para o filho pródigo voltar ao lar paterno. A parábola do Filho Pródigo nos faz ver esta obra realizada por Jesus Cristo em relação a Deus.

b) **A concordância em relação à humanidade** - O grande fim de Jesus em relação à humanidade toda era trazê-la ao arrependimento e a uma nova reconciliação com Deus o Pai. Já vimos que Jesus satisfez plenamente às exigências da natureza de Deus. e agora, por causa da sua humanidade, Ele fez o que o homem não podia fazer. Pela sua morte deu ao homem não só a esperança, como também a certeza de um comunhão íntima com Deus. Desde que o homem aceite o que Cristo fez em seu favor, Deus está pronto a perdoar-lhe e a recebê-lo de novo em íntima comunhão. O homem, porém, precisa chegar-se a Deus por meio de Jesus Cristo. Cristo é o Caminho e ninguém chegará ao Pai senão por Ele. “Eu sou o Caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João 14:6). À raça já não restava esperança alguma de reconciliação com Deus; porém, o que ela não podia fazer de modo nenhum, Cristo fez, de sorte que, acei6tando o que Cristo fez por ela, pode achar paz com Deus.

c) **A extensão da concordância** - A Bíblia ensina que a concordância foi feita para todo homem. A salvação que há em Jesus Cristo é suficiente para toda humanidade. “Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (I João 2:2). “O qual se deu a si mesmo em resgate por todos, para servir de testemunho a seu tempo” (Tim. 2:6).

Destas passagens claramente se depreende que a salvação é para todos. Convém notar, porém, que a sua aplicação é diferente, porque é limitada aos que crêem. Isto é, a salvação , quanto à sua base, é universal, ma, quanto à sua aplicação, limita-se exclusivamente aos que crêem. “Para

que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito, para que o mundo fosse salvo por Ele. Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado; porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus" (João 3:15-18). "Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença" (Romanos 3:22).

5.2.3. **A obra intercessória de Jesus Cristo** - O ofício sacerdotal de Cristo não findou com o trabalho de concordância, porque ele continua a ser sacerdote. Ele continua a trabalhar, a interceder em favor da humanidade. Ensinam-se as Escrituras que Ele voltou aos céus, que está agora à destra do Pai, e lá continua o seu trabalho intercessório. Lá no céu Ele continua ainda como sumo sacerdote. "E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porquanto pela morte foram impedidos de permanecer. Mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar perfeitamente aos que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Porque nos convinha tal sumo sacerdote, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus" (Hebreus 7:23-26).

a) **A natureza do trabalho intercessório de Jesus Cristo** - Este trabalho é uma atividade especial e contínua de Jesus Cristo, pela qual Ele garante ao crente as bênçãos não só espirituais, mas também temporais. Esta intercessão de Cristo baseia-se no seu sacrifício aqui na terra. "Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis, e, se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (I João 2:1-2).

Estas palavras do apóstolo João ensinam que Cristo continua interceder por nós junto do Pai, como os antigos sacerdotes intercediam pelo povo; mas, aqui, decerto, com muito mais eficácia, porque Cristo é sacerdote perfeito.

b) **Os fins do trabalho intercessório de Jesus Cristo** - Podemos descobrir, pelo menos, dois fins na obra intercessória de Jesus Cristo.

a) **Uma intercessão a favor de todos os homens em geral.**

“Pelo que lhe darei a parte de muitos, e com os poderosos repartirá ele o despojo; porque derramou a sua alma na morte, e foi contado com os transgressores; (Saías 53:12). “E Jesus dizia: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo os seus vestidos, lançaram sortes”(Lucas 23:24).

b) **Uma intercessão especial a favor dos crentes** - Dentre as muita passagens que ensinam esta idéia citamos apenas as três seguintes: “E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre” (João 14:16). “Eu rogo por eles: não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus” (João 17:9). “Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas que são para com Deus, para expiar os pecados do povo. Porque naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados” (Hebreus 2:17-18).

5.3. **Cristo como Rei**

Vimos páginas atrás, que Jesus, além de profeta sacerdote, eram também Rei. Em virtude deste ofício, Cristo há de reinar sobre todas as coisa, assim no céu como na terra. Consideremos os seguintes passos bíblicos que se referem ao reino Universal de Jesus Cristo: “Eu, porém, ungi o meu rei sobre o meu santo monte de Sião. Recitarei o decreto: O Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e os fins da terra por tua possessão” (Salmos 2:6-8). “E quando o Filho do homem vier em sua glória e todos os santos anjos

com Ele, então se assentará no trono da sua glória, e todas as nações serão reunidas diante D'Ele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas" (MATEUS 25:31-32). "E chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É me dado todo o poder no céu e na terra" (Mateus 28:18).

Também Jesus reinará na igreja militante, isto é, na sua igreja, que aqui na terra milita contra o mal.

Quando Jesus nasceu, do céu desceram os anjos, cantando e anunciaram aos pastores: "que hoje, na cidade de Davi, vos nasceu o Salvador que é Cristo o Senhor" (Lucas 2:11). "Respondeu Jesus: o meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, par que eu não fosse entregue aos judeus: porém, agora o meu reino não é daqui. Disse-lhe, pois, Pilatos: Logo tu és rei? Jesus respondeu: **TU DIZES QUE EU SOU**. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo para dar testemunho na verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (João 18:37-38). "E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu por cabeça da igreja" (Efésios 1:22).

Finalmente Jesus reinará na sua igreja triunfante. "E nos fez reis sacerdotes para Deus e seu Pai: a Ele glória e poder para todo o sempre. Amém" (Apocalipse 1:6). "Que também, como uma verdadeira figura, agora nos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia do corpo, mas o da indagação de uma boa consciência para com Deus, tendo subido ao céu; havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as potências" (I Pedro 3:2-22).

A Preexistência de Cristo

Ao usarmos o termo "preexistência" de Cristo, referimo-nos aquele período da sua existência anterior ao seu nascimento físico em Belém da Judéia.

Por serem profundos, e até incompreensíveis à mente humana, os aspectos da preexistência e do eterno passado de Cristo, muitos crentes simplesmente não pensam na alta impor6tflancia deste aspecto da sua vida. Muitos nunca chegaram a ponderar a realidade da existência e de Cristo ser antes Ele nascer do ventre da virgem Maria. Outros simplesmente supõem que Ele estivesse inativo antes de se apresentar em forma humana.

Cristo é preexistente por sua natureza eterna.

A Bíblia nos ensina que Cristo nasceu em Belém da Judéia há quase dois mil anos. Ensina também que Cristo já existia antes do seu nascimento físico, havendo, de fato, existido eternamente.

1. **Antes da criação do mundo** - Jesus, na sua oração sacerdotal, mencionou sua preexistência quando disse em João 17:5 “E agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse o mundo”. Também na mesma oração Eus disse em 17:24: “... porque me amaste antes da fundação do mundo”.

2. **Antes de Abraão** - (João 8:58-59). O mais claro ensino bíblico a este respeito se encontra nas palavras do próprio Jesus Cristo (João 8:58), ao dirigir-se aos fariseus. Note bem que Jesus não disse: “Antes que Abraão existisse eu **era**”, mas “Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse eu **sou**”.

3. Igualando-se ao Deus que falou com Moisés em Êxodo 3.14, Ele se revelou como “Eu sou o que sou”. Os judeus entenderam perfeitamente esta alusão à preexistência de Jesus Cristo, e quiseram apedrejá-lo por haver feito tal declaração da sua igualdade com o Pai.

4. **O Alfa e o Ômega** (ap 1.8). Em Apocalipse 1.8, João ouve a poderosa voz de Jesus que declara: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim”. Alfa e Ômega correspondem às letras A e Z do alfabeto grego, e tais expressões indicam que, em vez de ter início e fim, Jesus Cristo é antes

de todo o início (Sendo Ele mesmo Criador, como adiante se verá) e continuará a ser depois do fim de todas as coisas.

5. **Natureza eterna** - Quando falamos da natureza eterna de Cristo, referimo-nos de que Ele não tem início nem fim.

Aceitando pela fé este conceito fundamental, não nos precisamos preocupar com perguntas inúteis como: - “Quando Cristo começou a existir? ou, - “Quando foi que Cristo se originou?” Aceitamos sem reserva a explicação dada na Bíblia. O que nos interessa é o que a palavra de Deus ensina sobre a preexistência de Cristo.

6. **Igual ao Pai** - Em Filipenses 2.6, lemos acerca de Jesus as seguintes palavras: “Ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus”. Evidentemente, se Cristo é igual a Deus compartilha igualmente da preexistência de Deus.

O Novo Testamento revela mais que o Antigo o Conceito da Santíssima trindade. A pessoa e o ofício do Espirito Santo, por exemple, são enfocados particularmente nos ensinamentos de Jesus Cristo. O Espírito foi concedido de modo especial à Igreja (Atos 2). Quanto ao Senhor Jesus, vemos a sua manifestação nos Evangelhos e percebemos a sua preexistência com o Pai e o Espírito Santo muito antes do princípio de todas as coisas. (Leia Colossensses.

Falsos Conceitos - Têm aparecido neste mundo muitas seitas e religiões falsas que tentam estabelecer pontos de origem diferentes para as três pessoas da Santíssima Trindade. Sirva de exemplo de tais grupos o Gnosticismo, seita com raízes no primeiro século da Era Cristã, e contra a qual se dirigem as palavras do primeiro capítulo do Evangelho de João.

Mesmo no dias de hoje, existem religiões que se dizem cristãs, mas que não aceitam a igualdade e a preexistência de Cristo com Deus, o Pai. Entre tais falsas religiões se contam o racionalismo cristão, o

mormonismo (Santos dos Últimos Dias), as testemunas-de-Jeová, e o unitarismo.

Jesus, porém, declarou-se definitivamente quanto à sua igualdade com Deus Pai, dizendo em João 10.30: “Eu e o Pai somos um”.

Cristo é o Verbo eterno de Deus

Os 18 versículos iniciais do primeiro capítulo do Evangelho Segundo João apresentam uma revelação de Cristo, o Verbo Eterno de Deus tão magnífica, que muitos estudiosos da Bíblia decoram o trecho inteiro.

Conforme aprendemos no texto anterior, dos autores dos Evangelhos, é João quem mais diretamente ataca toda e qualquer. doutrina que tenta negado a divindade e preexistência de Cristo.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”(João 1.1) - O que é um “verbo”? - É a expressão ativa, auditiva, de um pensamento ou propósito invisível. Através de palavras e ações, podemos compreender os pensamentos de outras pessoas. E assim é que Cristo, como o Verbo divino, nos revela a mente de Deus Pai.

João 1.18 nos diz que ninguém jamais viu a Deus, mas que Jesus, o unigênito que está no seio do Pai, sendo o Verbo de Deus, é quem o revela a nós.

Para evitar qualquer sombra de dúvida acerca da identidade de Cristo como sendo o Verbo Eterno de Deus, João fala claramente ao descrever a encarnação de Jesus: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós ...”(1.14).

A revelação de Deus mediante Cristo expressa-se novamente em Hebreus 1.3: “Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu ser..., assentou-se à direita da majestade nas altura”.

João, no princípio do seu evangelho, não somente comprova a divindade e a preexistência de Cristo, o Verbo de Deus, mas também revela a Cristo como Criador, Vida, Luz, Unigênito do Pai, doador de graça e verdade, e Revelador do Pai.

Sabedoria (Pv 8.22-23). Tudo isso confirma a eterna preexistência de Cristo. Antes de Examinarmos o ato da criação, vejamos um texto do Antigo testamento que se refere ao período anterior, Em Provérbios 8.22-31, ouvimos a voz da sabedoria (identificada no versículos 22-23: “O Senhor me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui estabelecido, desde o princípio, antes do começo da terra”.

- Quem personifica aqui a Sabedoria de Deus? - Sob inspiração divina, o apóstolo Paulo atribui este título a Jesus Cristo em 1 Coríntios 1.24: “Pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus”.

Jesus mesmo se refere aquele tempo antes da criação, ao orar ao Pai em João 17.5: “E agora glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse o mundo”.

Criador (1.3). Havendo verificado a eterna existência de Jesus antes da criação, voltemos a João 1.3, onde lemos que “todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez”. Tal fato não contradiz a declaração de Gêneses 1.1: “No princípio criou Deus os céus e a terra”, pois já fica estabelecido que Cristo é Deus. Ele é o poderoso Verbo de Deus.

Em Colossensses 1.16, lemos ainda acerca da criação. “Nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanas, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para Ele”.

Em Hebreus 1.1-2 lemos que “Deus... nestes últimos dias nos falou pelo Filho a quem constituiu herdeiro de todas as coisa, pelo qual também fez o universo”.

O Senhor Jesus não é somente o grande criador, mas é também o fiel sustentador da vida e da criação em geral. “Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste”. (Cl 1.17).

Aplicação - O leitor poderá perguntar: - “Eu já aceitei Jesus Cristo como meu Salvador, e faz tempo que o sirvo, mas não sabia da sua preexistência, nem d sua suprema importância. O conhecimento disso aumentará minha intimidade com Ele?

Em resposta diríamos que sua compreensão do mistério da preexistência de Cristo deve Inspirar no seu coração uma profunda adoração a tão maravilhoso Salvador. Você deve louvar a Jesus por sua obra excelsa. Doravante você vai louvá-lo muito mais ainda, falando das grandezas que acaba de descobrir.

E mais, ao pensar no mistério da Existência de Cristo antes do seu advento a este mundo, você compreenderá melhor a inesgotável capacidade dele de resolver qualquer problema da sua vida, leitor, e de satisfazer todas as suas necessidades.

De quem se fala em Filipenses 1.6 com tamanha confiança: “Estou plenamente certo de que aquele que começou a boa obra em vós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus”? - Fala-se de Cristo Jesus, que sempre existiu e é o grande criador dos mundos (Hb 1.3). Ele é digno, e bem merece a nossa plena confiança.

A REVELACÃO DE CRISTO NO ANTIGO TESTAMENTO

Quem pensar que a revelação de Cristo encontra somente no Novo Testamento desconhece um rico tesouro, pois Cristo é o tema central de toda a Bíblia Sagrada.

Mesmo no Gênesis, o primeiro livro da Escritura, encontram-se muitas referências à futura vinha do Messias. Já no terceiro capítulo Deus advertiu Satanás de que o descendente da mulher (seu Filho Jesus) lhe feriria a cabeça. No mesmo capítulo, Deus recusou aceitar as folhas de figueira como vestiduras de Adão e Eva, e Ele mesmo imolou animais para fazer-lhes vestimentas de peles. Este ano prefigura, sob dois aspectos, o sacrifício de Jesus Cristo no Calvário: a necessidade de sangue ser derramado para expiar o pecado, e a substituição de uma vítima inocente pelo culpado, para salvar-lhe a vida.

Neste capítulo, vamos examinar a tipologia (pessoas, eventos e instituições) da pessoa e obra de Cristo, encontrada no Antigo Testamento. Também analisaremos grande número de profecias messiânicas aí contidas.

Cristo Revelado na Tipologia

O que é tipologia? - A tipologia Bíblica apresenta pessoas, eventos e instituições do Antigo Testamento que servem de sombra ou prefiguração de pessoas e eventos do Novo Testamento. A representação inicial se chama tipo, e a realização dela, antítipo.

Podemos compreender melhor o Livro de Hebreus, por exemplo, se estivermos cientes do fato de que o autor revela muitos tipos do livro de Levítico que encontraram cumprimento no Novo Testamento. Lemos em Hebreus 10.1: “Visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente eles oferecem”. Temos aqui um exemplo: o tipo é a antiga aliança, ou seja, a

Lei; sua realização, ou o antítipo, é a nova aliança proporcionada pela morte de Cristo no Calvário.

É verdade que num só texto breve não se pode tratar devidamente o tema tipologia, que bem merece um estudo em separado. Mesmo assim, o autor acharia incompleta a sua apresentação da Cristologia sem algumas referências às muitas fontes textuais que prefiguram, no Antigo Testamento, a pessoa e obra de Cristo.

Tipologia... funções. O capítulo 5 de Hebreus nos mostra que tanto Arão como Melquisedeque foram tipos de Cristo no que diz respeito ao seu sacerdócio. (Alguns estudiosos acham mesmo que Melqulisedeque era o Cristo preencarnando que se revelava a Abraão (Gênesis 18) e aos amigos de Daniel na fornalha de fogo (Daniel 3).

O capítulo 3 de Hebreus mostra que Moisés foi um tipo de Cristo no seu papel de libertador; nesta função aparecem também Josué. Devemos lembrar, contudo, que no estudo de tipologia o antítipo se manifesta sempre bem superior ao tipo que o prefigura. Não há, por exemplo, na vida de Cristo, aquelas fraquezas humanas evidentes nos indivíduos que lhe servem de tipo.

Tipologia... eventos. Vejamos agora alguns dos eventos que traziam função de tipo para futuro cumprimento na vida de Cristo. Números capítulo 21 nos relata como Moisés levantou a serpente de bronze no deserto, e como todos os israelitas que a contemplavam ficavam curados da picada das cobras vivas. Em João 3.14-15, ouvimos as palavras de Jesus: “Do mesmo modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna”.

No capítulo 22 de Gênesis, a prontidão de Abraão para sacrificar seu filho Isaque, serve de Tipo de Deus, que deu seu Filho unigênito em sacrifício por nós, pecadores.

Os três dias e noites passados por Jonas no ventre do peixe são um tipo do intervalo entre a crucificação de Cristo no Calvário e sua ressurreição ao terceiro dia. Em Mateus 12.40, Jesus diz: “Assim como esteve Jonas três dias e três noites no coração da terra”.

Tipologia... instituições. Vejamos a seguir algumas instituições do Antigo Testamento cuja realização se encontra em Jesus Cristo: os sacrifícios de animais, o sacerdócio, o tabernáculo (e o templo) e a lei mosaica.

No que diz respeito ao sacrifício de animais para expiação de pecados, lemos em Hebreus 9.13-4: “Se o sangue de bodes e de touros, e a cinza de uma novilha, aspergida sobre contaminados, os santifica, quanto à purificação da carne, muito mais o sangue de Cristo que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas para servirmos ao Deus vivo!”

Acerca do sacerdote, assim como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores, e feito mais alto do que os céus, que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro por seus próprios pecados, depois pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a sim mesmo se ofereceu”.

O tabernáculo (e o templo) foram construídos conforme minuciosas instruções das por Deus a Moisés e a Salomão, respectivamente. Os detalhes referentes à mobília e aos rituais são ricos em termos de tipologia, mas por isso mesmo ultrapassam o alcance deste assunto, merecendo estudo separado. Basta-nos, por enquanto, citar aqui Hebreus 9.24: “Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus”.

Em parágrafo anterior, citamos Hebreus 10.1, que mostra como a lei mosaica era tipo de nova aliança oferecida por Jesus. Lemos ainda em Gálatas 3.24 que a lei serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados pela fé!

Profecias do Nascimento de Cristo

Além da maravilhosa tipologia de Cristo encontrada por todo o Antigo Testamento, há também muitas profecias que falam diretamente do nascimento do Messias, o Ungido.

Primeiras Profecias. As primeiras profecias são algo veladas, mas quanto mais se aproxima o momento determinado para o nascimento do Cristo (Messias), mais claras se tornam essas mensagens.

Em Gênesis 3.15, por exemplo, Deus diz a Satanás: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente; este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar!” Tempos depois temos a profecia mais específica, de Saías 7.14: “Portanto o Senhor mesmo vos dará sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel”. O nome Emanuel, que significa “Deus conosco”, leva implícito o conceito da encarnação de Cristo.

A profecia de Miquéias. Outra profecia referente ao nascimento de Jesus Cristo se encontra em Miquéias 5.2: “E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os dias da eternidade. “O final deste versículo esclarece bem a sua referência ao Messias encarnado.

A profecia de Daniel. Foi dada a Daniel uma profecia referente ao prazo da vida terrestre do Messias. Em Daniel 9.24-27, o profeta vaticina que a morte do Messias ocorreria 483 anos (isto é, sete semanas e 62 semanas de anos) após o decreto Médo-Pérsa para reedificação de Jerusalém: “Sabe, e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até o Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas”.

Profecias da Vida de Cristo

As profecias messiânicas do Antigo Testamento vaticinam as muitas funções desempenadas por Cristo aqui na terra.

Como profeta. Moisés fala do papel de Cristo como profeta quando diz em Deuteronômio 18.15: “O Senhor teu Deus te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim: a Ele ouvirás”.

Jesus confirmou o fato de ser Ele mesmo aquele profeta prometido, dizendo em João 5.46: “Se de fato Crêsseis em Moisés, também creríeis, porquanto ele escreveu a meu respeito”.

No sentido restrito, o termo profeta aplicado a Jesus refere-se primeiramente ao seu ministério como mensageiro das boas-novas de salvação e libertador dos oprimidos do poder do mal. O outro sentido de profeta é predizer eventos futuros. Nesta acepção, uma das muitas profecias proferidas por Jesus Cristo se encontra no capítulo 24 do Evangelho segundo Mateus.

Como sacerdote. Em 1 Samuel 2.35 lemos uma profecia acerca do papel de Cristo como sacerdote. “Então suscitarei para mim um sacerdote fiel, que procederá segundo o que tenho no coração e na mente ... e andará Ele diante do meu Ungido para sempre”. Hebreus 6.20 confirma o fato de esta profecia se referir a Jesus: “Jesus como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre...”

Como rei. Jeremias 23.5-6 vaticina o papel de Cristo como Rei. “Levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente e executará o juízo e a justiça na terra... Será este o seu nome, com que será chamado: Senhor Justiça Nossa”. Na ocasião da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém Ele foi chamado “Rei de Israel” (Jo 12.13). Sabemos Também que muitas das referências proféticas a Cristo como Rei da terra serão cumpridas por ocasião da sua segunda vinda.

Como alicerce. Saias vaticina o papel de Cristo como alicerce e pedra angular da revelação divina: “Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, assentada” (Is 28.16). Pedro, citando este trecho na sua primeira epístola, capítulo 2 e versículo 6, mostra-o como profecia já cumprida em Cristo.

Como servo. Saías também se refere a Cristo como servo (52.13), papel desempenhado inúmeras vezes por Ele, como na ocasião em que lavou os pés de seus discípulos (Jo 13).

Como operador de milagres. Foi também Saías quem profetizou os milagres de cura que seriam realizados por Cristo. “Então se abrirão os olhos dos cegos, e se desempedirão os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará” (Is. 35.5-6). Quando João Batista, preso, começou a ponderar se Jesus era realmente o Messias, este respondeu muito simplesmente: “Ide, e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdo ouvem...” (Mt 1.4-5).